



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE EM HANS JONAS OU COMO A CIÊNCIA MANIFESTA A RECUSA DE ENGAJAMENTO NA ÉTICA

Elton Silva Salgado*
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida^{434**}
(UESB)

RESUMO

A partir da noção de “princípio responsabilidade”, elaborada pelo filósofo Hans Jonas e que retrata uma posição extremamente crítica da ciência contemporânea e de seu traço mais distintivo: a pesquisa, a tecnologia e o poder. O presente trabalho problematiza as relações entre o conhecimento, o poder e a ética considerando a ética numa abordagem que integre o meio ambiente, o cosmos e a posteridade. Isto porque, segundo Jonas, amedhamos uma série de conhecimentos e de dados inquestionáveis porém não avançamos em uma severa compreensão da condição humana, pelo contrário, a ciência produz um conhecimento anônimo como dispositivo de poder que ameaça constantemente a humanidade. A construção desta comunicação implica também uma discussão sobre a concepção de ética que Jonas critica e a que ele assume como condição capaz de dialogar com as ciências e as tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade. Conhecimento. Ética.

INTRODUÇÃO

Os avanços obtidos nos últimos tempos em todo o planeta são vertiginosos, imponentes e parecem, sobretudo, inexoráveis. Entretanto, os números que referem à vida das nossas gentes são diametralmente opostos e preocupantes

* Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade. Professor da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). E-mail: elton@uesb.edu.br.

** Orientador. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana; pós-doutor pela UNISINOS-RS; professor permanente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (mestrado e doutorado); professor titular Filosofia-UESB-BA. E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

porque estão a piorar principalmente graças aos reveses da crise contemporânea. Como aludem Amartya Sen e Bernardo Kliksberg, autores do fabuloso ensaio *Primero la gente: una mirada desde la ética del desarrollo a los principales problemas del mundo globalizado* (2007), poderia se produzir alimento suficiente para um número de pessoas bem maior do que atualmente se produz, porém, cerca de 1 bilhão de pessoas sofrem com a fome no mundo¹. Do igual modo, a água potável existente poderia garantir o fornecimento para toda a população, contudo, 1 bilhão e 200 mil pessoas estão sem acesso à água tratada e, no mundo, esta falta provoca a morte de quase 2 milhões de pessoas anualmente e, deste total, as crianças representam 4.900 mortes. Os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) demonstram ainda que a falta de água é consequência da perda de aproximadamente 500 milhões de dias letivos, principalmente para as garotas que são obrigadas a buscar água. Há ainda outros dados que são tão absurdos quanto. Todos os anos, 500 mil mulheres grávidas morrem durante a gestão ou mesmo durante o parto. E nas duas últimas décadas a mortalidade materna não conhece quaisquer melhoras e diante de todos os avanços da medicina uma mãe morre por minuto. São cerca de quatrocentos mulheres mortas em cada 100 mil nascimentos e em muitos dos casos capitais as causas são provocadas por hemorragias e pela anemia, as quais poderiam ser evitadas por medicamentos que custam centavos.

Todos os anos, cerca de nove milhões de crianças não vão chegar aos cinco anos completos de idade. Dezenove delas morrem a cada cinco minutos de pneumonia e somam cerca de dois milhões ao ano. Os números mostram também que entre 33% e 50% delas vão morrer desnutridas e cuja causa principal diagnosticada é a diarreia. Os estudos da OMS demonstram que 20% das crianças de todo o mundo são desnutridas, faltam-lhes os micronutrientes mais básicos e isto sem falar nas inúmeras deficiências permanentes causadas pela fome. Além de

¹ Para os períodos seguintes, consideraremos os dados apresentados na publicação *The State of Food Insecurity in the World 2012*, editado pela FAO (Food and Agriculture Organization of United Nations), como se vê órgão ligado a ONU.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tudo isto, é possível afirmar que dezoito milhões de pessoas morrem todos os anos em consequência da pobreza — metade deste contingente com menos de cinco anos de idade. E adira-se a isto todos os problemas ambientais graves tais como as altas temperaturas e o aumento das chuvas que contribuem para a proliferação de mosquitos que causam doenças infecciosas. Especialistas informam que as alterações climáticas proporcionam mais casos de dengue, febre amarela, cólera e hantavírus (os quais provocam sintomas gastrointestinais como náuseas, vômitos e diarreia e podem matar uma pessoa em até quinze dias e os roedores são o seu principal transmissor).

Tudo isto nos leva a pensar quais as razões desta enorme assimetria entre o potencial do planeta e a vida diária de milhões de pessoas marcada pela miséria. Para Sen e Kliksberg esta privação tem a ver com a minguada prioridade que é dada aos mais fracos e também a organização social. Para nós, trata-se da urgência do princípio responsabilidade tal como Hans Jonas propõe e que trata-se de uma nova ética ao pensamento e ao comportamento humano, consubstanciada no seguinte imperativo: vive de tal modo que os princípios da tua vida sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana verdadeiramente autêntica. Cabe salientar que a questão que norteia a obra de Jonas é o vácuo e a necessidade de uma bússola para redirecionar as estratégias e propósitos da tecnologia. A ciência em nossa “sociedade tecnológica e cognitiva” parece não afirmar a alteridade como principal motivo da ética e, assim, não requer a presença do outro como fundamento do encontro ético, i. e., aquele o encontro com o diferente de mim e que inaugura e fundamenta a ética. Portanto, é urgente um novo paradigma ético responsável assentado em um novo modelo de relação, mais responsável e mais consciente que nossos antepassados, como percebera Umberto Eco.

El proceso material del mundo ha agudizado, pues, mi sensibilidad moral, ha ampliado mi responsabilidad, ha aumentado mis posibilidades, ha dramatizado mi impotencia. Al hacernos más difícil ser moral, hace que yo, más responsable que mis



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

antepasados, y más consciente principalmente en la conciencia de mi incapacidad (ECO, 1973, p.180).

Fundamentalmente, o avanço da ciência ocorre acompanhado de um grande e crescente desassossego. Por isto ao comentar a obra de Hans Jonas, o bioético José Eduardo de Siqueira afirma que graças à tecnologia, o homem tornou-se perigoso para o homem, na medida em que põe em risco os grandes equilíbrios cósmicos e biológicos que são fundamentos essenciais da humanidade. Por outro lado, na mesma proporção do aumento do grau de perigo da ação antrópica aumenta em importância sua responsabilidade humana como tutora de todas as formas de vida.

Es indiscutible que hubo un avance extraordinario cuando la ciencia, en el siglo XVII se desvinculó de la religión y del Estado, creando desde entonces su propio imperativo: “conocer por conocer” sin respetar límites y gozando de total libertad. Hoy vivimos un momento de autocrítica. En las palabras de un pensador francés contemporáneo, para quien la guerra es un hecho demasiado complejo para que lo dejemos exclusivamente en manos de los generales, diríamos que la tecnociencia es demasiado poderosa para que la dejemos exclusivamente en manos de los científicos (DE SIQUEIRA, 2001, p. 287).

Para Jonas, a nova configuração do campo científico produz um conhecimento anônimo e que não segue os parâmetros da função verdadeira do saber durante toda a história humana, ou seja, aquele exercício de ser incorporado nas consciências, na busca meditada e ponderada da qualidade da vida humana. Daí porque Maria Clara Lucchetti Bingemer comente que esse novo recai depositado em bancos de dados e é usado de acordo com os processos decisórios daqueles que detêm o poder, donde a irresponsabilidade solapa a consciência. “A hiperespecialização das ciências mutila e desloca a noção mesma de ser humano”, diz Bingemer, e esse divórcio entre os avanços científicos e a reflexão ética “fez com que Jonas propusesse novas dimensões para a responsabilidade, pois a técnica



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

moderna introduziu ações de magnitudes tão diferentes, com objetivos e consequências tão imprevisíveis, que os marcos da ética anterior já não mais podem contê-los (BINGEMER, 2004, p. 18). Hans Jonas percebe a exigência de uma nova ética, uma vez que o novo agir humano pautado na técnica não se enquadraria no cânone da primeira ética, isto porque Jonas percebe a vida com uma grande aventura que envolve riscos e apostas cada vez mais altos e, desde modo, nosso autor vicejava que o humano chegasse a uma outra e nova compreensão da unicidade e, com este proceder, rompesse com as suas estruturas metafisicamente isoladas. Já no prefácio do seu Princípio responsabilidade, Jonas dá a tônica de que alguns princípios de vida não são negociáveis e que por isto a pesquisa não se ordena ao lucro mas ao melhoramento da própria vida. Diz ele: “o Prometeu, definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia o impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios voluntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos” (JONAS, 2006, p. 51).

Assim pensando, Jonas elabora um novo imperativo ético e nos diz que é possível arriscar a própria vida, mas não a da humanidade. Em suma, o filósofo assevera que somente a ética que nos responsabilize haverá de cumprir o seu verdadeiro papel de apontar valores e fins necessários, neste sentido a responsabilidade é princípio primordial e norteador deste momento da história de utopias caídas e novos paradigmas levantados, no qual o ser humano busca desesperadamente categorias que o ajudem a continuar vivendo uma vida digna e que ainda mereça o nome de vida humana.

Hans Jonas assinala como abuso quadro inicial de domínio do homem sobre a natureza e a sua conseqüente destruição, os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Em uma entrevista concedida à revista Esprit, em maio de 1991, o filósofo confidenciou que começara a pesar na direção de um novo modelo de questionamento e que foi amadurecido pelo perigo eminente daquilo que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

representava o poder humano sobre a natureza. Todavia, para além de uma consciência do apocalipse imediato, Hans Jonas revela a sensação de um possível apocalipse gradual, resultante da ameaça crescente representada pelos riscos do progresso técnico global e sua utilização inadequada. Percebe-se uma mudança sensível de orientação porque, até então, o escopo das prescrições éticas fora restringido ao âmbito da relação com os outros no momento presente. Ao que Hans Jonas chamaria de uma ética antropocêntrica dirigida apenas e tão somente aos contemporâneos. Entretanto, a moderna intervenção tecnológica ira mudar drasticamente esta realidade ao colocar a natureza ao serviço do homem e suscetível de ser alterada radicalmente, por isto mesmo Jonas conclui que é necessária uma nova proposta ética, e que esta inclua não apenas o indivíduo, mas também a natureza. Este novo poder da ação humana exige mudanças na natureza do senso ético e que estas mudanças sejam para além da ameaça física, para além da “heurística do medo”, na expressão de Hans Jonas contrária ao relativismo dos valores, porque

antes de tudo nos seus relâmpagos surdos e distantes, vindos do futuro, na manifestação de sua abrangência planetária e na profundidade de seu comportamento humano podem revelar-se os princípios éticos dos quais se permitem deduzir as novas obrigações do novo poder. Somente, então, com a antevisão da desfiguração do homem, chegamos ao conceito de homem a ser preservado. Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que está em jogo. Como se trata aqui não apenas do destino do homem, mas também da integridade de sua essência, a ética que deve preservar ambas precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito (JONAS, 2006, p. 21).

Mas há outro aspecto que merece muitíssimo cuidado neste princípio responsabilidade de Hans Jonas que é o lado subjetivo da responsabilidade, ou seja, como o modo pelo qual o sujeito conscientemente responsável assume a sua intervenção quer seja no presente quer no futuro. No primeiro caso, das ações pretéritas e que resultam em danos, o princípio de responsabilidade repousa no



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

remorso, visto como sentimento irremediável e ainda como sofrimento moral decorrente da impossibilidade de reverter efeitos danosos e catastróficos gerados no passado. E o exemplo paradigmático disto está na atitude do físico norte-americano Julius Robert Oppenheimer que dirigiu o Projeto Manhattan para o desenvolvimento da bomba atômica, uma pesquisa que nasceu a partir da busca do conhecimento puro e imparcial inicial da fusão nuclear. Aqui os danos observáveis pelo sujeito intelectual causaram-lhe sentimentos de angústia e demasiado sofrimento. Um exemplo claro de que a ética da prescritiva não pode ser imposta como coerção, mas como um tipo especial de exortação de liberdade para agente de transformação porque, segundo Jonas, é justamente como uma exortação a responsabilidade que a ética singular torna-se sentimento e há-de legislar o comportamento. Ou seja, é necessário recolocar a questão do comportamento correto que outrora possuía seus critérios imediatos e sua consecução imediata “para a qual nenhuma ética antiga pode sequer oferecer os princípios, quanto mais uma doutrina acabada” (JONAS, op. cit., p. 47). E isto requer uma nova ética, não antropocêntrica porque é necessário refazer os caminhos e “saber se temos o direito de fazê-lo, se somos qualificados para esse papel criador, tal é a pergunta mais séria que se pode fazer ao homem que se encontra subitamente de posse de um poder tão grande diante do destino” (idem, p. 60-61). E eis porque o princípio responsabilidade tal como formulado por Hans Jonas é uma escolha que requer sabedoria, mas também uma larga dose de humildade e uma nova espécie de humildade, “não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do poder, pois há um excesso do poder de fazer sobre poder de prever e sobre o poder de conceder valor e julgar” (ibidem, p. 63).

Daí porque em várias partes de O princípio responsabilidade, Hans Jonas se propõe analisar como a natureza modificada das ações do humano também se impõem como alterações na ética, principalmente ao explicar os traços em que a técnica moderna afetou a natureza do agir humano e até o ponto em que ela o toma



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sob seu domínio. Sem dúvida, com Hans Jonas confrontamos o elemento paradoxal da técnica moderna e a qual pode nos levar à ameaça de um cataclismo pelo excesso irreversível já que o ideário programático da ciência moderna se consubstancia na apropriação tecnológica da natureza como meio essencial para a realização do universal império humano. Assim, de acordo com esta premissa, a ciência é um saber sobre a natureza e em cuja essência reside o domínio e a apropriação, com o propósito de utilizar seus recursos e potencialidades para o progresso e o melhoramento do devir humano. Entretanto, Jonas entende que “aquilo que já foi iniciado rouba de nossas mãos as rédeas da ação, e os fatos consumados, criados por aquele início, se acumulam, tornando-se a lei de sua continuação”, de modo que “a acusação de pessimismo contra os partidários da profecia da desgraça pode ser refutada com o argumento de que maior é o ponto de assumir todo risco possível para tentar obter qualquer melhora potencial” (ibidem, p. 166-68).

Por isto, Hans Jonas recoloca o princípio responsabilidade em face da esperança e também do medo, estas disposições do espírito que induz a esperar que uma coisa há-de realizar ou não. Mas em termos jonasianos é preciso ter cuidado, pois a esperança e o medos desnecessários aqui são completamente distintos de um princípio ou coisa que se espera e mesmo de apreensão com determinada possibilidade. Para Jonas, a esperança assiste a responsabilidade tanto quanto o medo, porque este “é hoje mais necessário do que o foi em outros tempos, quando, confiando-se no rumo correto das ações humanas, se podia desprezá-lo como uma fraqueza dos pusilânimes e dos medrosos” (JONAS, op. cit., 349-50). Neste sentido, a esperança assume as vezes de uma condição para a ação, uma vez que neste agir supõe-se a possibilidade de realizar algo e que valha a pena fazê-lo porque já há aqui a incerteza, mas a coragem para assumir a responsabilidade; porque o “medo que faz parte da responsabilidade não é aquele que nos aconselha a não agir, mas aquele que nos convida a agir. Trata-se de um



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

medo que tem a ver com o objeto da responsabilidade; fundamentalmente vulnerável” (idem, p. 351). Finalmente, Jonas assevera a recuperação de uma responsabilidade, de uma esperança e de um medo que nos possa proteger dos caminhos corais e sombrios do nosso poder.

REFERÊNCIAS

- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Prefácio. In: JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.
- DE SIQUEIRA, José Eduardo. El principio de responsabilidad de Hans Jonas. *Acta Bioethica*. 2001, vol.7, n.2, pp. 277-285.
- _____. Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio responsabilidade de Hans Jonas. In: _____. Ética, ciência e responsabilidade. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2005, p. 107-108.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF UNITED NATIONS. The State of Food Insecurity in the World. Rome, Italy: 2012.
- GIACIOIA JUNIOR, Oswaldo. Hans Jonas: por que a técnica moderna é um objeto para a ética. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 1, n. 2, dez. 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 abr. 2013.
- JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.
- SEN, Amartya Sen; KLIKSBURG, Bernardo. Primero la gente: una mirada desde la ética del desarrollo a los principales problemas del mundo globalizado. Espanha/Barcelona: Ediciones Deusto, 2007.
- ZANCANARO, Lourenço. A ética da responsabilidade de Hans Jonas. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul; PESSINI, Leo (Org.). Bioética: alguns desafios. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 138.